RBPsicoterapia
Revista Brasileira de Psicoterapia
Volume 15, número 3, 2014
www.rbp.celg.org.br

ARTIGO ESPECIAL

Tempo, memória e ressignificação*

Zelig Libermann[a]

[a]Psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Sócio do Centro de Estudos Luis Guedes (CELG). Professor e supervisor do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG.

Instituição: Centro de Estudos Luis Guedes (CELG), Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Resumo

Em psicanálise, a noção de que o tempo não é um *a priori* do ser humano, mas algo a ser construído, tem origem na obra de Freud. A representação do tempo está ligada ao sistema percepção-consciência, mas não se aplica ao sistema inconsciente: a teoria sobre o aparelho psíquico comporta uma temporalidade heterogênea, descrita por Green como *tempo fragmentado.* À diferença do que se poderia considerar em um primeiro momento, isto é, que nosso "baú" da memória se formaria apenas pela "deposição" de acontecimentos que seriam registrados subsequentemente e conforme cada época da vida, Freud propôs que um mesmo registro pode sofrer diferentes transcrições à medida que as lógicas do desenvolvimento se sucedem. Em outras palavras, a capacidade de ressignificação possibilita ao ser humano libertar-se do destino exclusivo da repetição. Esse modelo se aproxima de um conceito dialético de causalidade e de uma temporalidade em espiral, na qual futuro e passado condicionam e significam um ao outro na estruturação do presente. Essa concepção transformadora do aparelho psíquico é o que sustenta a

*Este artigo é derivado de apresentação no *XIX Simpósio Interno de Psicoterapia de Orientação Analítica*, realizado no dia 9 de novembro de 2013 na sede da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

possibilidade da ação específica da prática baseada na teoria psicanalítica: se não existisse essa retroatividade, não seria possível modificar nossa história e, dessa forma, o tratamento não teria futuro.

Palavras-chave: Tempo fragmentado; Memória; Ressignificação; Lembranças encobridoras.

Abstract

In psychoanalysis, the notion that time is not *a priori* in men's minds but something to be constructed, originates in Freud's work. The representation of time is connected to the perception-consciousness system, but does not apply to the unconscious system: the theory on the psychic apparatus encompasses a heterogeneous temporality, described by Green as *fragmented time.* Different from what we might think at first sight, that our "memory-trunk" is formed only from the "deposition" of facts that would be registered in sequence and in a different manner for each timeframe in life, Freud proposed that one same registry may suffer transcriptions as the logics of development succeed one another. In other words, the capacity of re-signifying allows us to free ourselves from the exclusive fate of repetition. This model approaches the dialectic concept of causality and of a temporality in a spiral, in which future and past shape and signify one another in structuring the present. The transforming conception of the psychic apparatus is what gives support to the possibility of the specific action of the practice based on psychoanalytic theory: if this feedback did not exist, it would not be possible to modify our story; therefore the treatment would have no future.

Keywords:. Fragmented time; Memory; Re-signification; Screen memories.

Tempo e temporalidade

Nas diversas teorias psicanalíticas sobre o desenvolvimento psíquico encontramos descrições sobre a continuidade e a tendência inata ao crescimento pessoal. À medida que o sujeito alcança autonomia e cria uma identidade, percebe-se como um ser individualizado com uma subjetividade própria.

Nesse processo de desenvolvimento, a noção de tempo, fruto da evolução acima referida, constitui-se (junto com a noção de espaço) em um importante elemento na formação da subjetividade.

O tempo, segundo Jacques André[1],

> "(...) não é um dado imediato da subjetividade. A temporalidade, as temporalidades têm uma gênese psíquica mais ou menos cumprida, mais ou menos bem-sucedida, muitas vezes fracassada, esboçada, às vezes até mesmo não constituída. A inscrição psíquica no tempo, a temporalização, não é um dado, é quando muito um resultado"[1] (p. 56).

Em psicanálise, a noção de que o tempo não é um *a priori* do ser humano, mas algo a ser construído, tem origem na obra de Freud. Para ele, a representação do tempo está ligada ao sistema percepção-consciência, mas não se aplica ao sistema inconsciente: "Isto significa que [os conteúdos inconscientes] não se ordenaram temporalmente, que o tempo não os altera em nada, que não há representação de tempo para eles"[2] (p. 28).

A formulação sobre um espaço psíquico com conteúdos que não sofrem a ação do tempo transformou a questão temporal. A linearidade passado/presente/futuro deixou de ser o indicador único do funcionamento da mente. O tempo dos relógios e dos calendários é próprio da consciência. O inconsciente funciona de outro modo. Podemos dizer que, a partir da noção de consciente e inconsciente, a teoria sobre o aparelho psíquico comporta uma temporalidade heterogênea: na expressão de Green, é o tempo fragmentado[3].

A noção de atemporalidade, inerente ao funcionamento próprio do inconsciente, revolucionou a concepção de temporalidade, uma vez que, no inconsciente, o trânsito psíquico entre diversas épocas transforma a flecha do tempo não só pela possibilidade de inversão do sentido como pela circularidade, que permite que vários tempos convivam ao mesmo tempo.

Como descreve André Green[4],

> (...) no capítulo Psicoterapia da histeria, que Freud escreveu [em Estudos sobre histeria], ele nos mostra um modelo muito preciso, e ele vê a mente constituída de camadas concêntricas de memória (...) e caminhos radiais que atravessam essas camadas e estabelecem ligações entre elementos pertencentes a diferentes camadas[4] (p.1030).

Ao de atemporalidade do inconsciente, Freud acrescentou outros conceitos relacionados a essa transformação: fantasias primordiais, pulsão, compulsão à repetição, repressão e a amnésia infantil decorrente, fixação, regressão, sonho, entre outros, são elementos do psiquismo que condicionam a simultaneidade dos tempos.

Memória e ressignificação

Os relatos lineares, cronológicos, de todos os seres humanos buscam dar conta da necessidade de uma história lógica, coerente e condizente com a tendência sintética do ego. No entanto, as histórias pessoais contêm uma mescla de fragmentos de verdade factual com fantasias que constituem o psiquismo humano, temperados pelas transformações do funcionamento do aparelho psíquico ao longo do desenvolvimento e pela repressão, que terá influência no "roteiro escolhido" para contar uma vida.

Em sua Carta 52, enviada ao seu amigo Fliess em dezembro de 1896, Freud apresenta uma teoria não linear de aparelho psíquico na qual se destaca a tendência à transformação das marcas mnêmicas:

> [...] Tu sabes que trabalho com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico se gerou por uma estratificação sucessiva, pois de tempo em tempo o material pré-existente de marcas mnêmicas experimenta uma reordenação segundo novos nexos, uma retranscrição. O essencialmente novo em minha teoria é, então, a tese de que a memória não pré-existe de maneira simples, senão múltipla, está registrada em diversas variedades de signos[5] (p. 274).

À diferença do que se poderia considerar em um primeiro momento, isto é, que nosso "baú" da memória se formaria apenas pela "deposição" de acontecimentos que seriam registrados subsequentemente e conforme cada época da vida, Freud propôs que um mesmo registro pode sofrer diferentes transcrições à medida que as lógicas do desenvolvimento se sucedem.

Nessa teoria, o início do psiquismo é marcado pela inscrição da matéria-prima das sensações (táteis, olfativas, visuais, gustativas e auditivas), não suscetíveis de consciência e articuladas por uma lógica de simultaneidade. Seria uma memória perceptiva direta, espécie de registro bruto da experiência, pouco transformado, nesse nível, pelo modo de inscrição em si.

Em um segundo momento, essas mesmas inscrições passarão por uma transcrição, "ordenada por outros nexos, talvez causais"[5](p. 275), que lhes dará uma indicação conceitual, constituindo as marcas mnêmicas do inconsciente.

Na busca de entendimento desse processo, podemos imaginar a seguinte situação: nas primeiras vivências de amamentação, a criança experimenta o contato com o seio, o sabor do leite, o calor do corpo e a voz da mãe, a temperatura, a luz e os sons do ambiente. Tudo isso constitui inscrições da matéria-prima perceptiva. Em dado momento, os registros dessas sensações se entrelaçam, recebem uma marca conceitual, formando uma representação a qual poderíamos imaginar como "seio", por exemplo. Segundo Freud, esse estágio nunca chegará a ser consciente.

Assim, a indicação conceitual indica que se efetuou certo trabalho psíquico sobre a matéria-prima, um trabalho de representação, de reapreensão, que começou a transformar a memória. As memórias perceptivas diretas não deixam de existir após a formação da marca conceitual. Esses diferentes registros não se excluem; convivem e correspondem a distintas épocas da vida[6].

Então, chegamos à transcrição representada pela aquisição da representação-palavra da "coisa" armazenada. Neste registro, a partir de certas regras, os conteúdos podem chegar à consciência, "(...) e por certo que essa consciência/pensar secundária é de efeito posterior na ordem do tempo"[5](p. 275).

Somente nesta nova transformação, para tornar-se "narrativa", a marca primeira da experiência pode alcançar a consciência e, desse modo, a "datação" indispensável para seu registro como recordação. Freud diferencia as épocas que precedem à linguagem daquelas que sucedem ao seu surgimento da mesma maneira que distingue as experiências que puderam inscrever-se na linguagem daquelas que se detiveram a suas portas[6].

Essa diferenciação é importante, pois Freud lembra que existem vivências muito primitivas (em geral, anteriores à aquisição da linguagem) que dificilmente chegarão a ser lembradas. Como veremos adiante, os indícios dessas experiências poderão ser buscados em outras manifestações do psiquismo do ser humano que não a palavra.

Roussillon[6], em uma interessante associação entre os primórdios da obra de Freud e as teorias da atualidade, considera que as marcas mnêmicas e as formas de rememoração ou de revivência estão no cerne do debate da clínica contemporânea.

Enquanto a marca mnêmica é reinvestida de modo ilimitado, ou seja, sem o luto da forma inicial, sua reinvestidura se efetua até a alucinação. A experiência tenta ser reencontrada de maneira idêntica, sem transformação: a rememoração é exata, mas alucinada. Isso é possível no sonho e na alucinação.

Já no caso de uma investidura moderada, quando há uma renúncia, a reinvestidura da marca primeira só se produz em uma rememoração. Trata-se de uma identidade de pensamento; passa a ser não mais do que uma forma de recordação (e não de atualização) da experiência anterior. Para Roussillon[6], a condição para isso é a existência de um luto, o reconhecimento da perda do objeto primário.

Assim, memorização e luto se mostram solidários. O processo de renúncia ao reencontro do objeto das experiências primeiras é que torna possível constituir subjetivamente a história como tal.

Roussillon considera que esse segundo modelo funciona bem nos tratamentos de estados neuróticos, mas tropeça com o fracasso do processo de luto na melancolia, nas organizações narcísicas e limítrofes e também no caso da perversão, que é um quadro intermediário[6].

Embora as referências acima se centrem nas transcrições do início da formação do aparelho psíquico, o conceito de lógicas sucessivas do desenvolvimento segue vigendo para as etapas subsequentes. As mesmas marcas mnêmicas a que nos referimos acima seguem adquirindo novos significados à medida que o indivíduo passa pelas diversas fases de estruturação da mente.

Para exemplificar, o objeto interno materno de cada indivíduo não é unívoco. Podemos considerar que existe a mãe das fases oral, anal e fálica; ou a mãe das posições esquizo-paranoide e depressiva; a mãe edípica; a da adolescência; e, por que não dizer a mãe pós-tratamento!

Essa visão de uma memória não linear, com tempos que se interpenetram, aparece também no artigo Sobre as lembranças encobridoras. Nele, Freud se refere a recordações de períodos remotos da

vida, as quais contrariam o fato comum de que as lembranças aparecem em épocas mais tardias. Além disso, chama a atenção para o fato de que essas rememorações se refiram a acontecimentos triviais, irrelevantes, o que também seria oposto à ideia de que as memórias mais prováveis de se evocar são aquelas de eventos marcantes do ponto de vista afetivo.

Freud chega à conclusão de que essas memórias triviais de períodos tão precoces da vida representariam impressões de tempos posteriores e/ou anteriores às quais as primeiras estariam ligadas por elos simbólicos ou semelhantes. Por isso, ele as denominou lembranças encobridoras. Os fatos relevantes não foram esquecidos e sim omitidos devido a um conflito entre uma corrente que se esforça por lembrar e outra que trabalha no sentido contrário. Como essas forças não se excluem, o resultado do conflito é uma conciliação em função da qual emerge outra lembrança de característica trivial, muitas vezes deslocada no tempo, sem os conteúdos importantes, mas com uma ligação associativa com a memória original.

Freud ressalta que as lembranças encobridoras não seriam completas invenções, mas carregariam um grau de falsificação na medida em que transferem um determinado fato para um período ou lugar em que ele não ocorreu, juntam ou substituem imagens de pessoas, ou aglutinam cenas de tempos diferentes em uma só. Tudo isso com o objetivo de evitar o contato com memórias desagradáveis.

Um exemplo de lembrança encobridora é a citada por algumas pessoas a respeito das noites de infância intensamente perturbadas pelo medo, atribuído ao barulho produzido pelas brigas (sic) de gatos da vizinhança. Sem se negar a possibilidade de constituir um fato em si mesma, a atribuição do medo noturno a essa recordação trivial ocorre por um elo simbólico (a briga de gatos é, na verdade, uma relação sexual) e pode ser considerada como uma memória encobridora produzida para evitar o contato com as lembranças de vivências (fantasiadas e/ou reais) e sensações (eróticas e agressivas) associadas à cena primária.

Se, de um ponto de vista inicial, as lembranças encobridoras poderiam ser merecedoras de pouca fé, para Green, ao contrário, elas representam o poder transformador de um psiquismo que procura instrumentos não apenas para disfarçar, mas também para significar através do disfarce. "A lembrança encobridora é mais reveladora que uma simples lembrança"[7] p. 197-8).

Possivelmente tendo isso em conta, Freud (1899) afirmou que, mais do que com lembranças provenientes da infância, lidamos com lembranças relativas à infância:

> "Nos tempos do despertar, as recordações da infância não afloraram, como se costuma dizer, senão que foram formadas nesse momento; e uma série de motivos, aos quais é alheio o propósito da fidelidade histórico-vivencial, influenciou sobre essa formação e sobre a seleção de recordações"[8] (p. 315).

A partir dessas ideias iniciais e da intuição da importância da fantasia confrontada com a realidade, Freud formulou um modelo da mente cada vez mais centrado na importância da realidade psíquica; nesse modelo, progressivamente, a relevância da verdade vivencial passou a ser considerada lado a lado com a importância da verdade factual.

A meu ver, essa transformação ampliou enormemente as possibilidades dos tratamentos de base psicanalítica, tendo em vista que os indicadores da memória podem ser buscados para além da rememoração pura e simples e de sua comunicação verbal. Sonhos, fantasias, sintomas, caráter, comportamentos repetitivos, transferência e até mesmo alucinações e delírios apresentam marcas da história vivencial constituídas pelos modos de inscrição e retranscrição dos eventos na individualidade de cada sujeito.

A construção do sujeito psíquico não ocorre de uma forma linear, em apenas uma direção do tempo. Para André Green, o sujeito se define pelo conjunto de elementos articulados no processo constituído pela repetição que esgota uma tensão:

> (...) Não basta uma única operação do aparelho. A circulação, o percurso do circuito, exige sua reprodução para estabilizar o processo. A marca deixada por uma só operação solicita sem cessar uma nova passagem por ela, necessária para a constituição do sujeito. (...) O sujeito se constitui na repetição que marca a passagem renovada por marcas anteriores[7] (p. 106).

Considerações finais

A noção de que podemos ressignificar nossas memórias impede que a concepção psicanalítica da história do sujeito se reduza a um determinismo linear que, por considerar somente a ação do passado sobre o presente, decrete que todo o destino do ser humano está decidido desde os primeiros meses de sua vida.

Esse modelo da mente me parece associado à ideia de Laplanche[9] de que o ser humano tem uma tendência ao futuro porque possui a capacidade de teorizar e de traduzir a si mesmo. As circunstâncias importantes da vida representam a ocasião para colocar em xeque a versão presente voltando-se para um passado em busca de uma melhor tradução do mesmo passado (que englobe mais, que seja menos repressora e que apresente meios renovados). Em outras palavras, a capacidade de ressignificação possibilita ao ser humano libertar-se do destino exclusivo da repetição.

Para Baranger e Mom[10], esse modelo se afasta da noção de uma causalidade mecânica assente em uma temporalidade linear passado/presente e se aproxima de um conceito dialético de causalidade e de uma temporalidade em espiral, na qual futuro e passado condicionam e significam um ao outro na estruturação do presente.

A concepção transformadora do aparelho psíquico, enfatizando a capacidade de atribuir novos significados às marcas mnêmicas, é o que sustenta a possibilidade da ação específica da prática baseada na teoria psicanalítica: se não existisse essa retroatividade, não seria possível modificar nossa história e, dessa forma, o tratamento não teria futuro.

Referências

1. André Jacques (2009). O acontecimento e a temporalidade. O *après-coup* no tratamento. Trabalho apresentado no 69º Congresso de Psicanálise de Língua Francesa, maio de 2009 (Tradução para o português de Vanise Dresch).

2. _____ (1917). 23ª Conferencia. Los caminos de la formación de síntoma. In: Sigmund Freud Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 16, p. 326-343.

3. Green A (2000a). El tiempo fragmentado. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

4. _____ (2008). Freud's Concept of Temporality: Differences with Current Ideas. Int. J.Psycho-Anal., 89:1029-1039.

5. Freud S (1896). Carta 52 - Fragmentos de la correspondência con Fliess In: Sigmund Freud Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 1, p 274-280.

6. Roussillion R (2006). Historicidad y memória subjetiva. La tercera huella. In: FIORINI, L.G. Tiempo, historia y estructura. Buenos Aires: Lugar Editoral & APA Editorial, 2006, p. 203-221.

7. _____ (2000b). La diacronía en psicoanálisis. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

8. _____ (1899). Sobre los recuerdos encubridores. In: Sigmund Freud Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. 3, p. 297-315.

9. Laplanche J (1989). Temporalidad y traducción – Para um retrabajo de la filosofia del tiempo. In: _____ La prioridad del otro en psicoanálisis. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. p. 65-84.

10. Baranger M., Baranger, W., Mom, J.M. (1988). The infantile psychic trauma from us to Freud: Pure trauma, retroactivity and reconstruction. Int. J. Psycho-Anal., 69:113-128.

Correspondência

Zelig Libermann

Av. Taquara, 110 sala 302 Bairro Petrópolis
90460-210 - Porto Alegre, RS
zliber@terra.com.br

Submetido em 01/12/2013
Devolvido ao autor em 13/01/2014
Retorno do autor em 22/01/2014
Aceito em 23/01/2014